



DIVULGAÇÃO

MULHERES no trabalho: pesquisa aponta que, quanto mais alto o cargo e a escolaridade, maior a desigualdade

PESQUISA DO IBGE

Mulheres têm mais estudo e ganham menos

Economista do instituto aponta que média salarial delas equivale a 76% da dos homens. Em cargos de gerência, diferença é ainda maior

RIO

Mesmo com uma média de escolaridade maior, as mulheres ainda representam minoria no topo das hierarquias de poder empresariais, tanto no serviço público quanto no privado. Atualmente, elas representam 43,8% dos trabalhadores brasileiros. Entretanto, conforme aumenta o nível hierárquico, o índice de participação feminina cai.

Nos cargos de direção e gerência, elas são 37%. Já no topo, nos comitês executivos das grandes empresas, a participação das mulheres é de somente 10%.

“Em 2015, eram 4,7 milhões de profissionais, dentre os quais 63% eram homens nos cargos de chefia. A desigualdade de rendimentos entre homens e mulheres nesta categoria é maior que no mercado de trabalho como um todo” afirma a economista do IBGE, Cristiane Soares.

Na remuneração recebida pelas mulheres, outra diferença: na média, elas ganham 76% do salário de um homem. Já nos cargos de gerência, a proporção salarial é de 68%. Quanto mais alto o cargo e a escolaridade, maior a desigualdade de gênero.

Entretanto, as estatísticas mostram que a escolaridade feminina tem uma média maior: oito anos de estudo, contra 7,6 dos homens. Para Cristiane, a sociedade empurra a mulher a um papel que acaba restringindo suas escolhas profissionais.

“Muitas mulheres escolhem carreiras em que podem conciliar trabalho com as tarefas de casa,

mãe, esposa, cuidadora. Outras abrem mão da carreira ou dão prioridade para a ascensão do marido, por ele ganhar mais. Há vários aspectos que restringem essa ascensão, inclusive o machismo, pois alguns homens ainda não aceitam a ideia de serem comandados por uma mulher”, disse.

Nas grandes empresas, a realidade não é diferente. Levantamento feito pela Consultoria Internacional Oliver Wyman em grandes companhias do setor financeiro constatou que somente 10% dos cargos na diretoria executiva no Brasil são preenchidos por mulheres. A média mundial é de 16%.

“Trabalho com o setor financeiro. Quando faço reuniões no nível executivo, sou a única mulher. Além disso, a participação feminina é maior em recursos humanos e jurídico e menor em funções de risco e tecnologia, mas houve uma melhora no último ano nessa questão”, afirmou a diretora da Oliver Wyman, Laura Maconi.

Minoria no serviço público

Na administração pública, as mulheres também são minoria. Entretanto, como o ingresso se dá por meios como o concurso, a distorção é menor nos cargos mais baixos, mas se intensifica conforme a hierarquia sobe.

No Brasil, elas representam 37,9% do pessoal da administração pública. Entretanto, nos cargos comissionados, que não exigem concurso para ingresso, a diferenciação é maior.

Nos cargos chamados DAS (direção e assessoramento superior) do setor público, as mulheres re-

presentam 44,9% nas funções de hierarquia mais baixa. Já na outra ponta, nos DAS com os salários mais altos, a participação da mulher cai para menos da metade: 21,7%.

“A desigualdade é um pouco menor no setor público, inclusive porque, em grande parte, o ingresso se dá por concurso. No entanto, a distribuição dos cargos de direção e assessoramento superior por sexo deixa evidente que o acesso das mulheres a níveis superiores é mais restrito”, afirmou a economista do IBGE Cristiane Soares.

DIVULGAÇÃO

OAB CONVIDA PARA O LANÇAMENTO DA CAMPANHA

MENOS
RÓTULOS
MAIS
RESPEITO

DATA:

09 de março, 19h

LOCAL:

Auditório Eli Alves Forte
Rua 1121, nº 200, Setor Marista

MATERIAL da campanha contra desigualdade promovida em Goiás

Campanha por igualdade no Poder Judiciário

Visando diminuir a diferença de gênero, procuradoras do estado de Goiás resolveram promover uma campanha em prol da igualdade e de mais respeito nos ambientes de trabalho — especialmente no Judiciário, onde a participação feminina nos ambientes de decisão é mínima.

“Em Goiás, só 19% dos desembargadores são mulheres. Nos tribunais militares, a participação feminina fica em 16%”, disse a procuradora Fabiana Bastos.

O cartaz da campanha, intitulado “Menos rótulos mais respeito”, é emoldurado por expressões do tipo “bonita demais para ser inteligente”, “histórica”, “bonitinha, mas burra” e “deve ser a TPM”, e visa chamar atenção para os estereótipos usados para desvalorizar

as mulheres no ambiente de trabalho.

Segundo a procuradora Poliana Julião, a desigualdade entre os sexos se destaca ainda mais nos cargos que dependem de indicações.

No Supremo Tribunal Federal (STF), por exemplo, onde os membros são indicados pelo presidente da República, há somente duas mulheres entre 11 membros. No Superior Tribunal de Justiça (STJ), dos 33 ministros, seis são mulheres

“Por isso, decidimos partir em busca de estratégias para sensibilizar a sociedade sobre a discriminação envolvendo gênero”, afirmou a procuradora, que conta que já sofreu preconceitos por ser mulher quando trabalhava como promotora de justiça.